



EDITORIAL

Editorial – Diálogos entre Fenomenologia e Logoterapia

Viktor Emil Frankl (1905-1997), cujo arcabouço é o foco deste número, tinha, em suas próprias palavras, “uma posição muito crítica em relação ao psicologismo, que estava profundamente assentado, [e] arraigado” (Frankl, 2026, p. 11) no campo das psicoterapias. Seus comentários contra o que designa de o “erro do psicologismo” (Frankl, 2026, p. 11) são herança paradigmática de Husserl, que criticava as várias categorias de reducionismo nas ciências naturais, em busca de uma doutrina universal focada na essência dos fenômenos (*eidōs*).

Para Frankl, esse é um aspecto que vai além, e é o que torna possível o verdadeiro amor. Chega mesmo a dizer que “os que se amam *intendem* para a essência do ser amado e seu valor” (Frankl, 2016, p. 239) e “ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo” (Frankl, 2002, p. 100). Se para Husserl a consciência é intencional, ou seja, é sempre consciência de alguma coisa; para Frankl, a consciência intencional demonstra-se amorosa. É isso que permite uma superação do abismo entre sujeito e objeto, recuperando um posicionamento correlato de um perante o outro, o que, no campo das relações humanas seria por Frankl designado de relação dialógica.

Como afirma Hart (1992), para Husserl, é no amor que os sujeitos reciprocamente podem auxiliar uns aos outros a realizarem seu pleno potencial, à semelhança de Frankl que ao enfatizar a necessidade de se conhecer no Outro “o que (...) pode ser” e o “que deveria ser” (Frankl, 2002, p. 100), respectivamente potencialidades pessoais e compromissos consigo mesmo. É nessa jornada entre o que se “é” e o que “poderia ser” e, mais, “deveria ser” que emerge esta edição da *Phenomenology, Humanities and Sciences*, uma revista que nasce da Fenomenologia e dialoga agora com a Logoterapia e Análise Existencial, já que ambas têm muito a compartilhar uma com a outra, num movimento que anima o crescimento de ambas as perspectivas. Esta publicação emerge, portanto, da leitura da realidade e das possibilidades que a Logoterapia apresenta (seu “é” e seu “pode ser”) e, sobretudo seu compromisso em cuidar de um mundo em busca de sentido (seu “deveria ser”), num diálogo institucional entre o Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno) e a Associação de Pesquisas em Fenomenologia (APFeno), por um lado responsáveis pela revista, e a Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (ABLAE), como co-partícipe da presente edição (em especial sua Gestão 2023-2024), por outro. Estas três entidades se unem para criar uma realidade concreta, consubstanciada neste número.

Para Husserl, uma das habilidades intuitivas é conceber a conjunção de três elementos. É como se fizesse parte da natureza humana perceber, um ou dois ou três objetos ante si; uma criança, ao ver quatro ou mais diz que há “muitos” objetos. Não à toa, a raiz etimológica da palavra “três” aparenta se conectar com o prefixo “trans”; ou, e a antropologia demonstra, há idiomas que desenvolvem vocabulário até o “três” e assumem uma espécie de fronteira para além dele, vide os povos originários, como os Pirahã, que não possuem termos para números grandes; como se houvesse uma compreensão intuitiva de até onde as coisas são percebidas imediatamente, e a partir de onde elas são inferidas. Talvez seja essa percepção prática do conceito de três que faça tantas teorias da psicologia – como a Estrutura Tripartite Psíquica de Freud, os três motivos de McClelland, a teoria triangular do amor de Sternberg, a reciprocidade triádica de Bandura – e mesmo abordagens religiosas – o Trikaya budista, os três céus e infernos zoroastrianos, a Trindade cristã, o Trimurti hindú – serem compostas por três elementos. Para Husserl, o umbral da percepção direta era ultrapassado ao se criar/inventar palavras para conceitos abstratos (quatro, cinco, mil...). Husserl argumentava que para algo ser autenticamente entendido, a mente deve ser capaz de poder lidar com todos os componentes em simultâneo. Porventura essa percepção terá conduzido Frankl, consciente ou intuitivamente, ao conceber a sua teoria em grupos de três – “três pressupostos, que formam uma cadeia de elos interconectados” (Frankl, 2020, p. 22); a antropologia tridimensional e os três principais reducionismos; as três escolas de pensamento, e as três “vontades”; os três categorias de valores e a tríade trágica.

A linguagem emerge, então, para descrever fenômenos complexos da vida e, à medida que a humanidade se tornou sedentária e foi se estabelecendo em locais distintos, começou a criar metáforas que simbolizavam experiências que eventualmente se tornaram histórias com maior ou menor grau de complexidade (Bühler, 2020). Essas histórias passam de geração a geração, criando as nossas convenções e tradições que, como apontado pelo artigo de Raissa Daniella Correa Gomes & Maria Helena Budal da Silva – “Diálogos sobre a Queda das Tradições e o Vazio Existencial em Viktor Frankl” – nascem de aspectos culturais e comportamentais de outros momentos históricos, sustentam visões de mundo e influenciam a forma como as pessoas vivem. Assim, as histórias permitem



compreender as circunstâncias que conduziram pensamentos de figuras específicas que emergem em cada época, como no caso de Frankl e sua trajetória intelectual abordados pelo manuscrito “A Trajetória Intelectual e a Teoria de Frankl: Sobre os Ombros de Gigantes” – de Sam Cyrous & Maria Inês Gandolfo Conceição. Com isso, torna-se possível explorar e destacar inovações específicas e implicações práticas para a uma compreensão mais ampla da prática clínica contemporânea perante os desafios existenciais da atualidade, um dos focos do artigo “A Psicoterapia das Alturas: A Revolução Antropológica da Logoterapia e Análise Existencial na Psicoterapia Vienaense”, de autoria de Valdir Barbosa Lima Neto & Adriano Frota Lima. Estes três artigos, que constam da presente edição, ajudam seus leitores a conhecer o que é a Logoterapia e Análise Existencial de Frankl.

O maior de todos os desafios existenciais, na ótica da Logoterapia, será porventura a questão do sentido. Por isso, a pesquisa aqui apresentada por Hareli Fernanda Garcia Cecchin, Ana Clara de Andrade Patrício & Thiago Antônio Avelar de Aquino – no manuscrito “Programas de Promoção e Prevenção Baseados na Logoterapia – Revisão de Escopo” – torna-se de alta importância, já que, apresentam os resultados de uma revisão de escopo a partir de estudos que tinham como foco a prevenção do suicídio e detectam a promoção da busca do sentido da vida e a prevenção do vazio existencial como elementos fundamentais para o processo. Nessa linha, é também necessário compreender a importância de identificar relações com pessoas significativas e sua presença, relações que permitam um olhar melhor perante a própria vida, uma espécie de *vínculo com a vida*, como apresentam Lázaro Silva Queiroz, Roberta Vasconcelos Leite & Yuri Elias Gaspar, no artigo “Tentativa de Suicídio e Sentido da Vida: Elaboraões da Pessoa no Encontro com Psicólogo”. E é então que um duplo aspecto não pode ser esquecido: a distinção entre a busca e a presença de sentido; como trazido por Arthur Antunes Santos Alexandre, Lucia Helena Pralon de Souza & David Moises Barreto dos Santos – no manuscrito “Temporalidade, Sentido na Vida e Saúde Mental de Professores na Pandemia de Covid-19”; enquanto o primeiro avalia a motivação para encontrar ou aprofundar, o segundo se relaciona com a percepção que a vida tem sentido; apesar de focar em profissionais da educação em contexto específico, apresenta resultados que, entre outras coisas, indicam que a presença é maior nas pessoas de terceira idade e a busca na população mais jovem. Este é um trio de artigos aqui publicados, conduzindo seus leitores a um melhor entendimento do amplo e profundo conceito de sentido.

O que vemos na presente edição é a linguagem frankliana sendo impressa por uma nova geração de autores que seguem a tradição do próprio Frankl: simplicidade sem perder profundidade. Autores deste porte conferem esperança que os logoterapeutas não se converteram nem converterão em meros “seguidores ortodoxos da logoterapia – ainda bem”, mas que são capazes de combinar, “espontaneamente o tratamento logoterápico com outros tratamentos” (Frankl, 2026, p. 23), outras perspectivas – citando autores como Jaspers, Ricoeur e Heidegger – e outros contextos. Como é o caso do artigo de Nathália Pujol Fernandes & Tatiane Jardim Costa, intitulado “Contribuições da Logoterapia para a Realização do Pré-Natal Psicológico: Uma Revisão”, propõe um diálogo com a enfermagem enquanto nos convoca a temas específicos como a prática perinatal. Jefferson da Silva, Tatiana Iuriko Kawasaki Nakabayashi & Grasiela Aparecida Bomtempo – no artigo “Saúde Mental e Sentido para Vida: Pessoas Idosas e a Logoterapia” –, por sua vez, dialogam com críticas ao capitalismo no qual pessoas idosas são vistas, em suas palavras, como descartáveis para o sistema, propondo caminhos para que elas, em suas experiências de vida, se alegrem com suas histórias, assumam o que não foi possível e se tornem aptas a viver o presente enquanto sonham e se lançam ao futuro com novas perspectivas. Por fim, Flavia Neves Ferreira, no manuscrito “Revisão Teórica Conceitual da Hiper-Reflexividade sob a Perspectiva da Logoterapia”, dialoga várias visões internas na logoterapia sobre hiper-reflexão, auto-transcendência e derreflexão, enquanto salienta o papel do encontro entre paciente e terapeuta, já que ele é fundante para a adesão ao processo terapêutico. Uma tríade de artigos aqui se fazendo presente para abordar momentos diferentes da existência humana.

E como toda boa história tem uma cena pós-crédito que lhe engrandece, um último artigo é aqui apresentado: um estudo teórico, reflexivo e atual que analisa uma tensão ética e política num Brasil de embates entre laicismo e religiosidade, buscando o ponto de equilíbrio saudável da laicidade. O que Adriana Patrícia Egg-Serra faz – no artigo “Psicoterapia e Religião: Uma Questão (no)ética” – é tecer, a partir do pensamento frankliano um marco sobre religiosidade como manifestação cultural com o qual psicólogos desta ou de outras abordagens tenham um olhar de acolhimento do mundo vivencial de seus pacientes, sem laicismo, proselitismo ou reificações do fenômeno espiritual.

O que a presente edição oferece, portanto, é uma proposta de visitar quem é o ser humano e como podemos compreender a existência através da rehumanização dos processos. Husserl nota que não é fácil perceber a plena realidade do Outro. Justamente por isso, o encontro terapêutico demanda cautela com o excesso de elementos que o artificializam, para que a caminhada seja dotada com sentido possível e real, em prol da pessoa ante o psicólogo, e não dos dados coisificados e computados. Por isso, este número torna-se, acima de tudo, uma defesa da irredutibilidade do fenômeno da consciência e da experiência subjetiva, ou inter-subjetiva; um regresso à humanização, uma rehumanização da psicologia além de psicologismos.

Humanizada em seu pensamento, fenomenológica em sua matriz, e necessariamente empírica em sua prática, a Logoterapia emerge hoje para a sua terceira fase histórica, ou terceira onda, já que ondas se mesclam. A primeira onda seria a das figuras históricas ímpares, que plantaram a semente e a regaram; onda que naturalmente começa com o próprio fundador, Viktor Frankl, e passa por figuras internacionais como Eugenio Fizzotti, Geronimo Acevedo, Izar Xausa, Martha Iglesias, Oscar Oro e, claro, Eleonore “Elly” Katharina Frankl, que faleceu muito recentemente, a 10 de junho de 2026. Descrita sempre como dotada de inteligência prática e humanidade



manifesta em cortesia, generosidade e afeto, ela é mais que a primeira-dama da Logoterapia: foi quem ajudou a concretizar e amadurecer a Logoterapia, encorajando Frankl e outros pesquisadores em seus esforços constantes de desenvolver esta ciência. Em seu obituário, Alexander Batthyány (2026), escreve: “ela não recebia nem percebia pessoas como representantes de instituições, mas como pessoas”, observando seus sorrisos e risos. Esta é a rehumanização para além de qualquer reducionismo.

A segunda onda, ao menos no Brasil, foi a institucional. Com a vinda de Frankl ao Brasil nos anos 80 do século passado, surgem muitas entidades e associações, até que em 2010 se cria a ABLAE, a irmã mais nova e cheia de garra da primeira de todas, a SOBRAL, de 1984. Nesse período institucional, a Logoterapia cresce de maneira leve, com a preocupação de criar novos profissionais, que sejam, acima de tudo, bons seres humanos. E é aí que emerge a terceira onda! Apesar de estarmos com remanescentes da primeira onda, com alguns alunos de Frankl ainda vivos, e as instituições da segunda onda continuarem crescendo e se desenvolvendo, chegamos ao momento mais importante. Os fundadores e as instituições são agentes fundamentais de qualquer grupo, mas o real poder advém da responsabilidade assumida pelos indivíduos. Este número da *Phenomenology, Humanities and Sciences* é prova disso. Os vários livros publicados anualmente são prova disso. Os cursos sempre lotados de Logoterapia são prova disso. A terceira onda é a da livre e responsável iniciativa individual, de pessoas que estão na caminhada, esforçando-se em se tornar não quem podem ser, mas quem deveriam já ser. E, como diz Frankl (2022):

As pessoas (...) que podem e devem atuar através de seu ser estão em minoria. Isso o nosso pessimismo sabe. Mas é justamente isso que distingue o ativismo contemporâneo, é justamente isso que distingue a inaudita responsabilidade dos poucos. (...) O que tudo isso quer dizer? O que foi exposto até aqui nos revela duas coisas: Tudo reside no ser humano individual, apesar da quantidade, no máximo, diminuta de pessoas da mesma ideia; e tudo reside no fato que ele realiza na prática — e não com meras palavras — o sentido da vida conforme seu próprio ser (p. 30-31).

Então, a Logoterapia e Análise Existencial nasce de mentes e intelectos, mas crer apenas nisso seria cair no psicologismo. A Logoterapia e Análise Existencial emerge sim da razão, mas se aprimora na responsabilidade contínua em sermos melhores seres humanos, tentando a cada dia rehumanizar o mundo e a ciência. É do espírito que nos transcende, da essência de cada um, focado em fazer um trabalho coletivo, para além dos psicologismos, que a Logoterapia alça seu voo. E, por isso, minha alegria em poder ter servido como um dos editores para a presente edição.

Sam Cyrus
Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (UnB)
(Editor Convidado)

Referências

- Batthyány, A. (2026). *Eleonore Frankl, 1925–2026: An Obituary*. Psychology Today. <https://www.psychologytoday.com/us/blog/consciousness-and-meaning-at-lifes-end/202606/eleonore-frankl-1925-2026-an-obituary>
- Bühler, K. (2020). *Teoria da Linguagem*. Kirion.
- Frankl, V. E. (2026). *No princípio era o sentido*. Vozes/Nobilis.
- Frankl, V. E. (2022). *Sobre o sentido da vida*. Vozes/Nobilis.
- Frankl, V. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo: textos selecionados em logoterapia*. É Realizações.
- Frankl, V. (2016). *Psicoterapia e Sentido de Vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*. Quadrante.
- Frankl, V. (2002). *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Vozes/Sinodal
- Hart, J. (1992). *The Person and the Common Life: Studies in a Husserlian Social Ethics* (Phaenomenologica 126), Dordrecht/Boston: Kluwer Academic Publishers. doi:10.1007/978-94-015-7991-9

Número finalizado em 27.08.2026



Editorial – Complemento ao Dossier

Em complemento à construção desse importante *dossier* sobre Logoterapia, e ao relevante editorial assinado pelo Dr. Sam Cyrrous – editor convidado, e responsável pela maior parte da organização desse número – que nos traz informações necessárias para a própria memória da abordagem e da construção das práticas *psi* como um todo, cabe-nos enquanto editores responsáveis pela revista, acrescentar e comemorar a tradução de um dos mais importantes diálogos da Psicologia moderna, que acompanha o conjunto de manuscritos desse número.

Antes de apresentar tal contribuição, devemos agradecer imensamente à generosidade de Natalie Rogers, bem como os editores Howard Kirschenbaum e Valerie Land Henderson, por autorizar a tradução do presente diálogo, presente na obra – *Carl Rogers – Dialogues: Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May, and others* (Kirschenbaum & Henderson, 1989). Já tivemos a grata oportunidade de absorver parte dos diálogos empenhados por Rogers ao longo de sua carreira – graças à mesma generosidade, que tornou possível vir a público, durante o ano de 2008, duas conversações de grande relevância: com Paul Tillich (Rogers & Tillich, 2008) e com Martin Buber (Rogers & Buber, 2008) – e agora, finalmente, apresentamos ao público de língua portuguesa, a transcrição e a tradução de uma das discussões mais importantes da história da psicologia moderna, em um dos mais destacados encontros entre gigantes da ciência psicológica.

Rogers é um dos mais importantes nomes no campo da Psicologia Clínica, e sua relevância – bem como seu esforço em pesquisas sobre o tema – são reconhecidas na literatura como um dos nomes que mais influenciou o cenário e o campo (Goldfried, 2007; Cook, Biyanova & Coyne, 2009). Importante destacar o quanto que Rogers empreendeu, em toda sua carreira e em sua obra, e o quanto desenvolveu pesquisas sobre os fatores determinantes de mudanças em psicoterapia, inclusive apontando, no próprio diálogo que: “Já considere todos os tipos de hipóteses, inclusive a possibilidade de a psicoterapia ser um condicionamento operante. Ambos acreditamos, creio eu, que poderiam ser realizados estudos que gradualmente lançariam luz sobre as causas da mudança” (p. 107).

O debate entre Rogers e Skinner, que ora trazemos, se deu entre os dias 11 e 12 de junho de 1962, diante de uma audiência de mais de quinhentas pessoas, sobre questões relativas à “Educação e o Controle do Comportamento Humano” – título dado ao evento à época, mas tocando uma multiplicidade de temas que tornam esse diálogo um importante documento de debate sobre ciência, subjetividade, sociedade; enfim, um documento de grande relevância para os buscam estudar questões de epistemologia da Psicologia.

A tradução desse diálogo representa igualmente um grande esforço na direção de trazer a público um texto qualificado, estudado e pensado, no sentido de fidelidade tanto em relação à estrutura do diálogo e da linguagem, como na direção de um reconhecimento dos termos formais de expressão. O texto final, em sua versão em português, vem acrescido de várias notas explicativas – inclusive como justificativas de escolhas de seus caminhos de tradução, demonstrando o empenho e a dedicação dos responsáveis por essa tarefa.

Com relação a isto, vale ressaltar que o processo de tradução foi realizado em três etapas: uma primeira tradução – efetivada com esmero e muito cuidado – por parte de Julia Kulcheski Paludo e Julie Frank –; uma revisão técnica, crítica e dialogada, feita por especialistas no pensamento de Rogers – Lucia Marques Stenzel (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre/UFCSPA), Paulo Coelho Castelo Branco (Universidade Federal do Ceará/UFC) e Virgílio Soares Luna Coelho (Universidade Federal do Ceará/UFC) –; e, uma revisão da tradução final após a revisão técnica, por A. F. Holanda, editor da revista. Importante destacar esse esforço coletivo, dado o histórico que temos, no país, de traduções pouco confiáveis ou simplesmente “apressadas”, que transformam textos importantes – sejam de Fenomenologia, Gestalt-terapia, Abordagem Centrada na Pessoa, filosofias da existência, dentre outros – em problemas ou em más interpretações.

Por fim, destacamos que a tradução vem antecedida e acompanhada por uma apresentação, por um novo estudo, intitulado “Rogers e Skinner para além dos estereótipos: uma leitura do diálogo de 1962”, com a autoria de Lucia Stenzel, Paulo Coelho Castelo Branco & Adriano Holanda.

Temos certeza que a organização desse número, com todo o cuidado em seu planejamento, reflexão, avaliação e efetivação, poderá ser uma grande contribuição para a Psicologia Humanista de língua portuguesa e, quiçá, para um coletivo ainda maior de pesquisadores e pensadores em ciências humanas.

Yuri Ferrete

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva

Adriano Furtado Holanda

(Editores)



Referências

- Cook, J. M., Biyanova, T., & Coyne, J. C. (2009). Influential psychotherapy figures, authors, and books: An Internet survey of over 2,000 psychotherapists. *Psychotherapy (Chicago, Ill.)*, 46(1), 42–51. <https://doi.org/10.1037/a0015152> . Link: https://1drv.ms/b/s!Am_JSTLFsy5tl4UZ8srMhcJgwjH1eA?e=aWq6xX
- Kirschenbaum, H. & Henderson, V. L. (1989) (Eds). *Carl Rogers – Dialogues: Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May, and others*. Houghton Mifflin Company: Boston, Massachusetts.
- Goldfried, M. R. (2007). What has psychotherapy inherited from Carl Rogers? *Psychotherapy (Chicago)*. 44 (3): 249-252. doi: 10.1037/0033-3204.44.3.249. PMID: 22122246. Disponível em : <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22122246/>
- Rogers, C. R. & Buber, M. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(2), 233-243 (Tradução de Andréa de Alvarenga Lima e Revisão Técnica de Adriano Holanda). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Rogers, C. R. & Tillich, P. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Paul Tillich. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(1), 121-127 (Tradução de Marcos Ricardo Janzen; e revisão técnica de Gustavo Vieira da Silva e Adriano Holanda). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100017&lng=pt&tlng=en.

Número finalizado em 27.08.2026